


## Cemflores: poéticas políticas em Belo Horizonte nos anos oitenta

*Cemflores: political poetics in Belo Horizonte in the eighties*

Clara Albinati\*

 [0000-0002-4039-5815](https://orcid.org/0000-0002-4039-5815)

### Resumo

O artigo traça uma trajetória do grupo Cemflores, a partir do contato crítico-afetivo com o arquivo do poeta Marcelo Dolabela, quem guardou por mais de quarenta anos os restos dessa memória. Formado por “trabalhadores em arte”, como se denominaram, Cemflores surge no seio do Movimento Estudantil – quase todos seus integrantes eram estudantes da UFMG – e atuou no cenário da contracultura em Belo Horizonte, nos anos oitenta, período marcado pelo processo de redemocratização. Buscaram repensar a práxis das esquerdas, através da realização de ações poéticas. Publicam revistas e dezenas de livrinhos em mimeógrafo, distribuem poesia em greves e atos pela anistia, realizam recitais, exposições de arte postal e experiências sonoras que culminam na criação das bandas de estilo pós-punk Sexo Explícito, Divergência Socialista e O Último Número.

### Palavras-chave

Cemflores; Marcelo Dolabela; Arte e política;  
Poesia Marginal; Arte postal

\* Docente do curso de cinema da FCA-PUCMINAS. Doutoranda da EBA-UFMG na linha de pesquisa Artes Plásticas, visuais e interartes: manifestações artísticas e suas perspectivas históricas, teóricas e críticas.

### Abstract

*The article traces the Cemflores group's path, based on the critical-affective contact with the poet Marcelo Dolabela's archive, who kept the remains of that memory for more than forty years. Formed by, as they called themselves, "workers in art", Cemflores appears within the Student Movement and they acted in the counterculture scenario in Belo Horizonte, in the 1980s, a period marked by the process of Brazil's redemocratization. They sought to rethink the praxis of the left-wing tendencies, through the performance of poetic actions. They published magazines and dozens of booklets made in mimeograph, distributed poetry in strikes and acts for Amnesty, held recitals, mail art exhibitions and sound experiences that culminated in the creation of the post-punk style bands Sexo Explícito, Divergência Socialista and O Último Número.*

### Keywords

*Cemflores; Marcelo Dolabela; Art and politics;  
Marginal poetry; Mail art*

Anos oitenta: minhas primeiras lembranças na Terra remetem a um universo cheio de inventividade e loucura, ação coletiva, festas noturnas, profusão de imagens e sons, sentir e ser parte de um embolado de energias que resultavam numa espécie de força comum da coletividade, de união e coragem revolucionária, cantávamos juntos a mesma canção, aquele era um mundo de liberdade das palavras e imagens. As ruas de Belo Horizonte eram a passarela onde desfilávamos, somos milhares, eu sentada nos ombros do meu pai, as pessoas jogam papéis picados sobre nós das janelas dos prédios, um dragão gigante dança, movendo as barbatanas. Minha mãe vai a reuniões do grupo de marxismo na casa do professor José Chasin. Meu pai, em recitais de poesia noturnos, junto a poetas, artistas, mendigos e punks. Poesia sonora, poesia visual, poesia orbital. Vanguarda e utopia. As performances mais esquisitas nos bares. As reuniões de poesia no apartamento do Marcelo Dolabela, depois de passar pela feira-hippie da Praça da Liberdade. As crianças não podem ficar na reunião, atrapalham, e eu queria ficar, achava que entendia alguma coisa daquela conversa. Cemflores, Alegria Bluesbanda, Fahrenheit... As manifestações na Praça da Estação que duravam até de madrugada, voltávamos com o povo de ônibus e nossas bandeiras cansadas e felizes. A voz do Brizola no carro de som. O tecele-tecele da máquina de escrever à noite. Na aula de artes, fiz um móbile com as letras L-U-L-A, tinha seis anos, e a professora: “não pode fazer campanha política na aula”. As greves das professoras, invadir a prefeitura, a Rosa cantava “*Gracias a la vida*” no alto do carro de som. Também quis fazer poesia e pinte com canetinha colorida um rolo de papel higiênico para “nádegas sensíveis”, para “nádegas burguesas”. De dedos cruzados durante a contagem dos votos, a derrota de 1989, tentava entender o significado do adesivo no carro da minha mãe (um corcel vermelho, ano 1973): a imagem do Lula e os dizeres “Feliz 94”. Em 1994: nós sempre perdemos? Em algum momento, as ruas ficaram vazias. Meus pais trabalham em várias escolas ao mesmo tempo, eu tenho dois irmãos. O projetor de slides desapareceu, dele saía uma profusão de imagens do fundo do mar e do fundo das catedrais góticas. A banda Divergência Socialista ainda tocava, talvez uma vez por ano, e, escutando seus dadatapes<sup>1</sup>, transportava-me àquele passado vibrante.

---

<sup>1</sup> Os dadatapes são experimentos sonoros, realizados em fitas k7, pela banda Divergência Socialista.

Meu pai dizia que o que os uniu foi uma perspectiva revolucionária, era

essa coisa meio Maiakovski de agir na revolução. E as perspectivas nossas não eram menores que essas. Da ditadura a gente sai, puxa uma assembleia livre e soberana, da assembleia a gente já puxa para outros negócios e faz uma revolução!<sup>2</sup>

Anos 2000, em uma homenagem aos poetas suicidas, enquanto Silma Dornas grita deitada sobre o palco em uma espécie de catarse, Marcelo Dolabela, na outra extremidade, recita impassível: “como falar poesia depois do fim da utopia?”<sup>3</sup>. Passei a interpretar essas lembranças como uma construção fantasiosa da infância. Mas seria completamente uma invenção?

É então que entro em contato com os arquivos de Marcelo Dolabela, o pop mais dadá de Beagá, amigo e padrinho de casamento dos meus pais. Marcelo guardou, durante mais de quarenta anos, milhares de documentos, entre publicações, arquivos audiovisuais, fotografias e slides, arte-postal, além de pequenos papéis com recados, anotações e cartas. Em uma sala de seu apartamento, como um *aleph*, encontram-se visões da história da poesia visual latino-americana.

Por meio destes arquivos, descubro que o coletivo integrado por meu pai e amigos tinha um nome: Cemflores. Nas revistas que publicaram há manifestos em que buscaram elaborar um projeto poético-político. Neste caminho, vislumbro também que aquele momento histórico foi muito intenso, marcado por um complexo debate sobre anistia e democracia. Impressionantes greves tomaram as ruas de todo país. No centro de Belo Horizonte houve barricadas, pedradas, carros queimados; entoando o grito “nós constrói, nós destrói!” (MARRETA, 2009), cerca de 35 mil trabalhadores da construção civil se rebelaram na greve dos pedreiros de 1979.

Em 2012, no Museu Reina Sofia, em Madrid, ocorre a exposição “Perder a forma humana: uma imagem sísmica dos anos oitenta na América Latina” (MUSEU REINA SOFIA), organizada pela *Red Conceptualismos del Sur*. Formada por artistas e pesquisadores ibero-americanos, a *RedCSur* “se postula como

<sup>2</sup> Cortez, Luciano. [Entrevista concedida à autora]. Belo Horizonte, 2009.

<sup>3</sup> Heidegger’s song. [Compositor e intérprete] Marcelo Dolabela e banda Divergência Socialista. Belo Horizonte: Cacograma, CD, 2001.

uma possibilidade diferente de pensar, fazer, intervir, conceber, exhibir e historiar politicamente a força subversiva e a capacidade crítica das práticas artísticas ‘conceituais’ latino-americanas” (REDCSRU, Manifesto Instituyente, 2009, tradução nossa), compreendendo e ressaltando sua vinculação a contextos históricos e políticos de resistência (às ditaduras, ao neoliberalismo, ao fascismo). O trabalho da *RedCSur* se dá, por meio, entre outros, da recuperação de arquivos de artistas (ARCHIVOS EN USO), compostos por materiais diversos relacionados a manifestações que transbordam os limites convencionais da arte e da política. A intenção é reivindicar “a presença da memória sensível dessas experiências para que esta se converta em uma força antagonista no marco do capitalismo cognitivo atual” (REDCSRU, Manifesto Instituyente, 2009, tradução nossa).

No projeto “Perder a forma humana”, os pesquisadores participantes procuraram resgatar histórias de coletivos e ações *underground*, marginais e/ou realizadas por movimentos sociais nos anos 1980 na América Latina. A partir da imersão em frágeis documentos, panfletos, fotografias e relatos o projeto trouxe à tona estas experiências efêmeras, criando fissuras em uma historiografia da arte que conecta os anos 1980 ao *boom* da pintura expressiva de grande formato, celebrada pelo mercado. Essa extensa pesquisa revela que foram abundantes os vínculos entre arte - estratégias criativas e “ativismos artísticos” (CARVAJAL *et al*, 2012); e ações de resistência aos contextos ditatoriais, “reconfigurando o conceito mesmo do político” (CARVAJAL *et al*, 2012), que se desloca da intenção de efetividade, que marcou a prática artística de vanguarda nos anos 1960-1970 no continente, ligando-se mais à afetividade, através de experiências micropolíticas.

Percebo que Cemflores é parte desta imagem sísmica. Marcelo me confia oito caixas de arquivo, que levo para casa, iniciando um processo de digitalização e estudo. Ao me dedicar a essa tarefa, percebo que há ali um universo, um mundo particular, e que uma história com sua lógica própria poderia ser elaborada ao urdir esses fragmentos. Como selecionar e organizar algo dessa constelação infinita de vestígios? Não há uma resposta. Desvio-me em detalhes e surgem breves ficções.

Em 1978, os estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Avanilton Aguilar, Carlos Barroso, Luciano Cortez e Marcelo Dolabela se unem em torno do projeto comum de criar uma revista cultural.

Marcelo conta que um dia Carlão chegou em uma reunião com um pedacinho de papel que havia recortado do jornal Movimento, ali estava a expressão “cem flores”, todos gostaram e o grupo resolveu se chamar assim. Naquele momento, não conectaram o termo a Mao Tse Tung e ao seu conhecido aforismo, presente no “Livro vermelho”: “Que cem flores desabrochem e cem escolas de pensamento rivalizem, eis a política para promover o desenvolvimento das artes e o progresso das ciências” (MAO TSE TUNG, 1972, 328).

Na China, entre 1956 e 1957, ocorre o movimento das Cem Flores. Consistiu, inicialmente, numa campanha governamental que estimulou a sociedade – sobretudo, intelectuais, artistas, cientistas e estudantes chineses – a exercer o livre debate em torno das artes e das ciências. Em 1957, surge uma enxurrada de críticas políticas, sobretudo dos jovens estudantes, que reivindicavam mais democracia e liberdade para o comunismo. Surpreendido pela grande insatisfação da intelectualidade, Mao inicia, em meados de 1957, uma caça feroz aos que se posicionaram criticamente, alterando os objetivos originais da campanha (SHU SHENG, 2019).

“Aqui as flores eram do dizer, do discurso. Que cem flores desabrochem, a gente levou esse negócio a sério, conhecendo ou desconhecendo, ou conhecendo parcialmente a história chinesa”<sup>4</sup>, conta Luciano. Na Cemflores de Belo Horizonte, segundo Marcelo, ninguém era maoísta e, se houve algo nesse sentido, estaria próximo ao imaginário proposto por *La Chinoise* de Jean-Luc Godard. Desde a primeira revista (CEMFLORES nº 0, de 1978), na qual os poetas realizam uma homenagem aos 50 anos do Manifesto Antropófago, explicita-se a intenção deglutidora do grupo, presente nos gestos de apropriação e montagem de referências diversas: o modernismo brasileiro, a vanguarda (artística e política nacional e internacional), a tropicália, os quadrinhos, a arte pop, o cinema, a música, as notícias de jornal...

A criação de Cemflores se dá em um período no qual o historiador Gelsom Rozentino de Almeida (2011) observa a ocorrência de uma “crise da hegemonia burguesa”, desatada pela crise do milagre econômico de meados da década de 1970, determinando o processo de abertura política da ditadura militar.

---

<sup>4</sup> Cortez, Luciano. [Entrevista concedida à autora]. Belo Horizonte, 2019.



Fig. 1  
Capa da revista  
Cemflores nº 0,  
1978

No período, movimentos populares retomam força, surgindo como atores imprevistos pelo regime, ameaçando as manobras dos militares e empresariado que buscavam contornar a crise, promovendo o rearranjo do pacto conservador no país. Essas movimentações podem ser interpretadas como uma tentativa de construção de uma contra-hegemonia e impactaram também setores da cultura, que se unem em torno da questão democrática, coincidindo com a formação de Cemflores e suas ações político-poéticas.

O primeiro número da revista, Cemflores nº 0, traz o editorial-manifesto “O início dos fins”, nele, como o título indica, realizam uma análise de conjuntura deste momento de crise política, vislumbrando novos desafios para a cultura. Assim, desde sua fundação, a proposta do grupo foi “agir poeticamente na política e politicamente na cultura”, tendo “A poesia como base – A ação como prática”<sup>5</sup>. Para Cemflores, poesia era entendida como práxis cotidiana e coletiva, poesia para os vivos.

<sup>5</sup> Dolabela, Marcelo. *Elas cantam Cemflores* (texto inédito), s. d..

**CEMFLORES**  
**REVISTA CULTURAL**  
**do DCE UFMG**

**CONFO EDITORIAL**  
Luciano Cortez e Silva  
Carlos Barroso  
Avanilton de Aguiar  
Carlos Rodrigues  
Marcelo Dolabela  
Mauro Alves de Freitas

**COLABORARAM NESTE Nº**  
Elmer Baumgratz  
Toninho Rios  
Adriana Kfoury Pereira  
Mauro Alves de Freitas  
Luiz Lisboa  
Eduardo Zampier  
Luciano Cortez e Silva  
Carlos Barroso  
Avanilton  
Carlos Rodrigues  
Carlos Lessienin  
Marco Antonio (pipi)  
Rita Specht  
Clara Maia  
Arthur G. C. Duarte  
Marcelo Dolabela  
Mária Bernadeth  
Tales Mc. Rabbit  
Nathan Kacovicz  
Guto  
Inês  
Lincoln Volpini  
Eliane  
Marcelo  
Samira  
R. Zeferino  
APATEDEMG (chapa UNIÃO)  
Ricardo  
TREF  
Muniz

**DIAGRAMAÇÃO & ARTE**  
Pessoal da CEMFLORES

**REDAÇÃO**  
DCE-UFMG  
Rua Guajaras 694  
30.000 - Belo Horizonte-MG  
telefone - 222 1056

## O INÍCIO DOS FINS

•O Brasil não é mais aquele. Pipoca aos olhos as enganações e esganações da sociedade brasileira hoje (um hoje de quase 500 anos). O grande dueto dos séculos, exploração/opressão, tem a cada dia que passa, uma resposta maior nas consciências gerais: a resposta da organização e da luta pela transformação econômica, social & política.

•O regime militar não é mais aquele. Dia-a-dia crescem as manifestações e o NÃO ao regime opressor e guerreiro das burguesias exploradoras. As greves, as passeatas, as organizações (populares, profissionais, estudantis, etcetera), a crise econômica, as cisões burguesas, dentre outras evidências, começam a estremer a cor amena destes tempos.

•Também o movimento cultural já é outro. Se nos últimos 14 anos (notadamente a partir de 69) aconteceu uma sistemática perseguição aos grupos e pessoas que se motivaram a criar, e despejar na sociedade, propostas e perspectivas culturais/artísticas de maior consequência, levando ao quase total desmantelamento destes trabalhos, hoje, respirando o oxigênio político de reavivamento da luta de classes, parcelas das hordas culturais crescem e ganham caminhos novos e diversificados, distanciando-se do comodismo e obscurantismo que, até então, embrenhavam a maioria das correntes que sobreviveram (ou mesmo alinhavaram) às haionetas do governo militar e de seus apóstolos.


•Esta mostra de movimentação e mudança é que propomos uma revista cultural. Um espaço aberto. Onde aconteçam polémicas, se expressem pesquisas, análises, ensaios, críticas, contos, poesia, cartuns, artes plásticas e fotográficas, na tentativa de criação de uma nova estética, em contraposição aos cacôs da arte & cultura burguesas, em crise. Uma nova linguagem que não se apoie na ideologia e valores retrógrados do capitalismo - que numa prática destrutiva/construtiva, aponte (ou tente) verdades futuras.

•fortalecimento das organizações independentes e que mostre em suas páginas trabalhos e textos que estejam referenciados, que prescudem, a nível da nossa condição humana, histórica e social.

•Neste primeiro passo **cemflores** foi feita a partir de um grupo editorial e de diversas pessoas que colaboraram na discussão ou com artigos e textos.

•Nossa proposta é que a revista seja ABERTA, mas também direcionada por aqueles que trabalham na mesma. Daí clamarmos, a quem e aos grupos que se interessam pela discussão de uma nova cultura, a participar, discutir e compor o grupo editorial, e mesmo mudar o direcionamento da revista, se for a posição da maioria. Quem possuir trabalhos e textos (literatura, teatro, ensaios, etc.), traga até a revista, fortalecendo-a no sentido de tentarmos expressar as diversas tendências no modo de ver e fazer cultura, hoje no Brasil.

**CEMFLORES**



# ATENÇÃO!

# TIRO ALVO

O PESSOAL DA

## CEMFLORES ESTARÁ DISCUTINDO ESTE Nº?

DIA 2/7 \*\*\* AS 17Hs

NO DCE CULTURAL \* tua sonçalves'dias - 1581

**cemflores 2**

**CEMFLORES**

«Que cem flores desabrochem e cem escolas de pensamento rivalizem, eis a política para o desenvolvimento das artes e o progresso das ciências. Pensamos que é prejudicial o recuso a medidas administrativas para impor um estilo particular ou uma só escola de pensamento. O problema do certo e do errado nas artes e nas ciências deve ser resolvido pela discussão livre nos círculos artísticos e científicos.»

# PARTICIPE

Fig.2  
Editorial "O início dos fins",  
revista Cemflores nº 0,  
1978

Entre 1978 e 1979, publicam quatro números da revista Cemflores, impressos em grande formato (38 x 28 cm), em *offset* e realizados com o apoio do Diretório Central dos Estudantes da UFMG (DCE-UFMG). Nelas, a experimentação gráfica característica do grupo já está presente. Aí, além dos manifestos, encontramos poemas visuais, traduções e outras invenções.

Em 1979, as greves se intensificam em todo país, mobilizando, ao longo do ano, cerca de 3 milhões de trabalhadores pertencentes a 26 categorias, como metalúrgicos, professores, trabalhadores rurais, servidores públicos, mineiros, trabalhadores do transporte urbano e da construção civil (ALMEIDA, 2011). A prática poética de Cemflores se vê tomada de assalto por esses acontecimentos e seus integrantes se perguntam “qual é a greve do poeta operário?”. Na capa da revista Cemflores nº 3, respondem: “O poeta é um operário que ainda não pode fazer greve” e, também, em um carimbo do grupo: “O poema é a greve do poeta operário”.

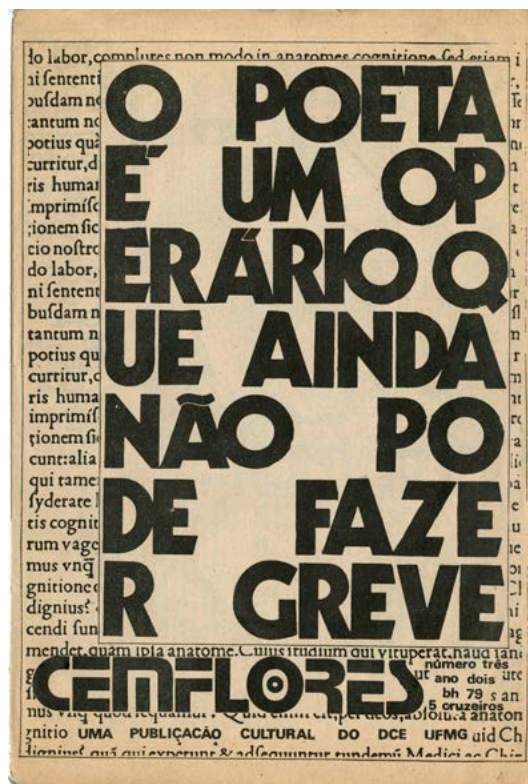


Fig. 3  
Capa da revista  
Cemflores nº 3,  
1979



Realizam, a partir de então, publicações precárias e urgentes, em menor formato e rodadas em mimeógrafo ou reproduzidas em xerox, como “Aqui Ó” (ao todo, quatro números) e “Cemflores-pirata” (dois números. A publicação consistia em uma folha de papel ofício com poemas e imagens, impressa de ambos os lados). Através destas publicações rápidas, a poesia foi levada às ruas, a manifestações, greves e atos pela anistia. Nesse período, os integrantes de Cemflores se pensam como “trabalhadores em arte” e buscam a união e a solidariedade entre trabalhadores desta categoria. No manifesto “A arte de fritar ovos e fazer poesias”, reivindicam a socialização dos meios de produção e das formas de fazer, compreendida no lema “em cada cozinha uma gráfica, uma gráfica em cada cozinha” (CEMFLORES, 1979).

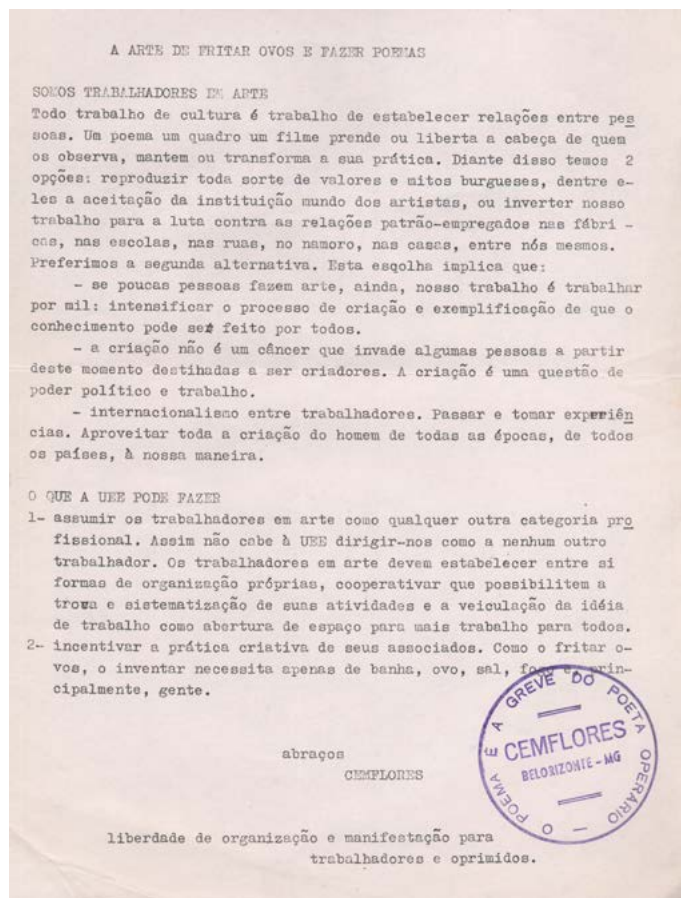


Fig. 4  
Manifesto “A arte de fritar  
ovos e fazer poesias”,  
1979

Neste momento, várias pessoas já integram Cemflores: Jair Fonseca, Juca, Fuinha, Denise Mendes, Carlinhos Pisca Pisca, Ilka Boaventura, Vanita Aguilhar, Rubinho Mendonça, Roberto Soares, Adriana Bizzotto, Valéria Jacovine, Murilo Almeida, Marconi Dolabela, Virgílio Mattos, Carlos Augusto Novais, entre outros. Quase todos eram estudantes da UFMG (dos cursos de Letras, Comunicação Social, História, Filosofia, Psicologia etc.). Muitos deles participaram dos Diretórios Acadêmicos (Das) e alguns foram integrantes do Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP). A menção ao movimento cineclubista foi também recorrente na maioria das entrevistas. Bastante ativo nos ambientes universitário e secundarista, o movimento cineclubista foi fundamental para marcar a formação cultural e política de uma geração, funcionando como porta de entrada ao Movimento Estudantil.

Cemflores surge, então, no seio do Movimento Estudantil, participando de sua reestruturação ao final dos anos 1970. Não obstante, foram polêmicos e críticos à ortodoxia da esquerda tradicional, por isso, tornaram-se alvo de algumas tendências políticas e logo foram expulsos do DCE da UFMG. Conseguiram, no entanto, o apoio da UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas), que concedeu ao grupo uma salinha em sua sede, onde passaram a se reunir.

Fig. 5  
Alguns integrantes de Cemflores, durante uma mostra de arte postal na Fafich, em 1981. Da esquerda para direita, de pé: Jair Fonseca, Murilo Almeida, Marconi Dolabela, pessoa não identificada e Marcelo Dolabela. Agachados: Juca, Luciano Cortez, Valéria Jacovine, Rubinho Mendonça e Adriana Bizzotto.



Para Marcelo, a expulsão e o “rebaixamento” ao segundo grau foi o melhor que poderia ter ocorrido a Cemflores, já que, a partir daí, muitas pessoas que ainda estavam cursando o secundário se interessaram pelo grupo e foram agregadas<sup>6</sup>. A diversidade – em todos os sentidos: ideológica (eram comunistas, anarquistas, libertários, trotskistas), estratos sociais, jeitos e gostos, idades e formações, visões do mundo e formas de fazer poesia – foi uma importante característica do coletivo.

Depois da revista Cemflores, Aqui Ó e Cemflores-pirata, criaram a revista Alegria Bluesbanda (quatro números), muito elaborada poética e visualmente. É quando surgem também os livrinhos de autoria individual ou em dupla, rodados em mimeógrafo. Através deles, o grupo entende que não é necessária a chancela de concursos, universidades, editoras ou livrarias para criar e divulgar trabalhos. A partir daí, lançam quase cinco dezenas de livrinhos entre 1980 e 1982, vendidos de mão em mão nos bares e manifestações.



Fig. 6  
Capa e contracapa de  
“1671”, 1980. No livro,  
Luciano Cortez utiliza  
papel, tecido, plástico  
e outros materiais.

<sup>6</sup> Dolabela, Marcelo. [Entrevista à autora]. Belo Horizonte, 2009.

A partir de 1980, integram uma rede internacional de arte postal e organizam na Fafich<sup>7</sup> a “Primeira Mostra Internacional de Arte Postal de Belo Horizonte: Todos os Arqu inimigos dos Supermen”. Desta mostra participam, além de Cemflores, figuras-chave para a compreensão da rede de arte postal no país. Julio Plaza, Paulo Bruscky, Unhandeijara Lisboa, J. Medeiros, Falves Silva, Bené Fonteles, Maria Irene Ribeiro, Teresa Poester, Alberto Harrigan, Joaquim Branco, Hugo Pontes, Nicolas Behr e Hudinilson Jr são alguns dos nomes que aparecem na lista do catálogo de “Todos os arqu inimigos”. Outras mostras de arte postal semelhantes são ainda organizadas por Cemflores nos anos seguintes.



Fig. 7  
Arte postal de Roberto Soares para Marcelo Dolabela, provavelmente 1981. Lê-se: “Estive aqui/ com saudades/ deixo lembranças/ abraços a todos próximos. Deixo livro Kac com Luciano. Ponha em dia sua correspondência”.

<sup>7</sup> Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, à época, com sede na Rua Carangola, onde a maioria dos integrantes de Cemflores estudava.

**TODOS OS ARQUINIMIGOS  
DOS  
S  
SUPERMEN**

---

**AMOSTRA-ENCONTRO. SALA 621 . FA  
CULDADE DE LETRAS. CARANGOLA 288 . 10 115 DE MARÇO.**

**I Mostra de Arte Postal de Belorizonte. Posições Amorasas .**

**Xerox. PINTURA. HAPENING. SERIGRAFIA.  
POEMA VISUAL. FOTOGRAFIA. MIMEOGRAFO. POE  
SIA. MÚSICA. COLAGEM . POSTAIS. DEBATES .**

**convidamos**

RS. VERA CHAVES BARCELLOS. TONY BEL. KARIN M H LAMBRECHT. SIMONE MICHELIN BASSO. MARCELO LUIZ CEMIM. SC. FABIO DIEGOLI. LUIS. GUEDES. ALCIDES BUSS. J GRIMM. HELOISA PACHECO. PR. JOSE ANTONIO DE MORAIS. IVANILDE M NOGUEIRA MARIA CLAUDETE ALPARO. PENÁ. CLAUDINEI MARTINS. ADEMIR ASSUNÇÃO. SP. LUIZ GUARDIA NETO. HELIO LETE. MARISA AMIGO. JOSE CANDIDO. SERGIO AMARAL SILVA PENNA . HUDINILSON JR. HIROKAI. DECIO-CHIBA. JOÃO PROTETI. RAFAEL FRANÇA ADENILZA. CLAUDIA. JULIO PLAZA. MARIO RAMIRO. GLAUCO MATTOSO. LISA FRANÇA GILBERTO PRADO. MARCO DIAMANTINO. RJ . CARLOS ARAUJO. ANNA CAROLINA. A DE ARAUJO. ALBERTO HARRIGAN. KATIA BENTO. DIRCEU QUINTANILHA. TERESA POESTER MG. GUILHERME MANSUR BARBOSA. CASSIO MARTINHO. MARCELO DOLABELA. VLADIMIR SONIA TINOCO. ROBERTO SOARES. IVANIR. JOAQUIM BRANCO. HUGO PONTES. VANITA AGUILAR. OMAR PEREIRA. LUCIANO CORTEZ. MARCONI DOLABELA . FUIINHA. ADRIANA BIZZOTTO. JOSE ASDRUBAL AMARAL. CARLOS BARROSO. LUIZ EDMUNDO ALVES. JUCA. MOZART DINIZ. PAULO FATAL. DUZAO. IVO VENARUSSO. EP. RONATO VERAS. DJALMA NOGUEIRA. PAULO TOVAR. MARCO ANTONIO. NICOLAS BEHR. JOSUE BENTZ. J REGIS ANAND RAO. CHICO VICENTE. CHAK CARLOS. ANA CRISTINA. HUMBERTO A S J . RA. BOTELHO PEDROSA. ORLANDO PINHEIRO DA SILVA. MARCUS DO RIO. A L M ANDRADE. CAO. PE. PAULO ERUSCKY. LEONHARD FRANK DUCH. PB. JALDETE SOARES . MARCONI EDSON. UNHADEIJARA LISBOA. RN. PEDRO OSMAR. PAULO RO. VENANCIO PINHEIRO. J MEDEIROS. PALVES SILVA. CE. BENE FONTELES. MAYRAND SOBRAL. PA FONTELES. SP. FLAVIA. USA. D C SPAULDING. KEN SAVILLE. PORTUGAL/MARIA IRENE RIBEIRO ESPANHA. HORACIO SAPERE. ITALIA. VITTORE BARONI. TODOS OS ARQUINIMIGOS DO

**CEMPLORES**

Impressão: Serviços Gráficos do Centro Mineiro de Cultura Popular - CMCP.

Fig. 8  
Folheto com a lista de  
participantes da mostra  
de arte postal "Todos  
os arquinimigos dos  
Supermen", 1980.

No início da década de 1980, Marcelo Dolabela viaja ao Rio de Janeiro, hospeda-se na casa de Eduardo Kac e entra em contato com o Movimento de Poesia Pornô. Na semana em que esteve por lá, acompanhou uma passeata deste movimento, na qual os integrantes, quase todos nus, levavam cartazes e liam poemas. Ao voltar a Belo Horizonte, Marcelo traz na maleta a palavra de ordem “tem que pirar!”<sup>8</sup>. Assim, uma ala de Cemflores – chamaram-se ex-Cemflores – prioriza a realização de ações, performances e recitais, expandindo o sentido das publicações, com a intenção de radicalizar para forçar a mudança. Neste caminho, foram também influenciados pelas ideias da Internacional Situacionista, como comenta Marcelo Dolabela:

A gente incorporou aquela ideia, que é: nós não vamos fazer uma publicação contínua, nós temos que fazer ações. Vamos fazer um número da Cemflores, paramos e fazemos um livro, um recital... Era sempre ação. Na hora que a ação é realizada, para e vamos para outro lado. Aquela coisa do Marcel Duchamp, que acho que é o que resume a gente, não repetir apesar do bis. (...) Não seja indústria, quebre o conceito de indústria.<sup>9</sup>

Como consequência das ações poéticas – leituras performáticas que incluíam a inserção de ruídos mixados de discos de vinil e fitas k7 – alguns ex-Cemflores se aproximam da música e é nesse momento que surgem as bandas Sexo Explícito, Divergência Socialista e O Último Número, marcando uma cena pós-punk em BH.

Há uma canção da banda O Último Número que se chama “Museu do mundo”, de 1988. A letra de Jair Fonseca desenha uma espécie de cenário desolado, cheio de ruínas, ruído/ruína, que lembra muito a alegoria do anjo da história de Walter Benjamin. Este cenário poderia ser o das ruas vazias dos anos 1990 da minha lembrança ou a terra arrasada das expectativas do presente bolsonarista. Nesta paisagem, foram lançadas coisas feitas para serem abandonadas: “edifícios nas cidades/ filhos, altas velocidades”, “os amores e as estátuas

<sup>8</sup> Dolabela, Marcelo. [Entrevista à autora]. Belo Horizonte, 2009.

<sup>9</sup> Dolabela, Marcelo. [Entrevista concedida a Bruno Verner]. Belo Horizonte, 2017.



Fig. 9  
Cartaz de show da  
Divergência Socialista.

Fig. 10  
Divergência Socialista,  
1983. Fotografia de  
Tibério França.



que enfeitavam as estradas”<sup>10</sup>. Aquele que observa essa montanha de mortos e escombros da nossa história conclui que “Tudo isto é só um rastro/ Que vai do berço ao túmulo / Passar deixando restos pelo mundo/ É o cúmulo/ Acúmulo de trastes/ Museu de tudo e nada”<sup>11</sup>.

O contexto histórico em que Cemflores surgiu reuniu muitas expectativas e fracassos, como a luta pela anistia, a campanha pelas Diretas Já e a derrota de Lula nas eleições de 1989. Na década seguinte, marcada pelo neoliberalismo, quando a perspectiva revolucionária (ou sua sensação) se dissipa, Cemflores também se desintegra. Ainda assim, posteriormente, alguns de seus integrantes conhecem novos entusiastas e se unem em torno de projetos comuns como a revista Fahrenheit, mostras, publicações e bienais de poesia.

<sup>10</sup> Museu do mundo. [Compositor e intérprete] Jair Fonseca e banda O Último Número. Belo Horizonte: Filme, 1988.

<sup>11</sup> Museu do mundo. [Compositor e intérprete] Jair Fonseca e banda O Último Número. Belo Horizonte: Filme, 1988.

Tomando cerveja no Xok-Xok, bar do edifício Maletta, Marcelo Dolabela uma noite me diz que Cemflores é um modo de invenção coletiva, em que todos fazem tudo: todos escrevem, diagramam, publicam, montam os livros, vendem, distribuem, participam dos recitais... Por isso, como modo de fazer, Cemflores nunca deixa de existir.

A música “Museu do mundo” ressoa nos materiais que compõem o arquivo pessoal do poeta, são rastros de tudo e nada que ainda esperam pelo presente que se veja visado por aquele passado. A imaginação arquivística<sup>12</sup> sobre estes frágeis documentos reflete um desejo de liberação de projetos utópicos interrompidos, como o de democracia, igualdade e justiça ou o de uma práxis libertária que una cultura e política. Como se, ao reordenar os cacos do passado no interior de uma narrativa alternativa e sempre provisória, pudéssemos somar contribuições à “caixa de ferramentas”<sup>13</sup> das lutas do presente.

Hoje escrevo a um mês do falecimento de Marcelo Dolabela e dedico esse texto a sua memória. Como disse Juca (GRACIANO, 1980) “tamos vivos, criando e incomodando”<sup>14</sup>.

## Referências

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida*: PT, CUT, crise e democracia no Brasil 1979-1989. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

AQUI Ó. Belo Horizonte: Cemflores, n.4, 1979.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas Volume I*: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVAJAL, Fernanda et al. *Perder la forma humana*: una imagen sísmica de los años ochenta en América Latina. Madrid: Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2012. p. 43-50.

CEMFLORES. Belo Horizonte: Cemflores, n.0, 1978.

<sup>12</sup> “*Imaginación archivística*” é um conceito apresentado pela RedCSur no documento “Por una política común de archivos”. RedCSur. *Por una política común de archivos*. 2019.

<sup>13</sup> Termo escolhido pela RedCSur, durante o projeto “Perder a forma humana”, para definir o livro que acompanhou a exposição: “Este livro, diferentemente de um catálogo convencional, é concebido como uma caixa de ferramentas. Adota a forma de um glossário que aglutina uma série de conceitos derivados tanto do léxico cunhado durante aqueles anos por ativistas e artistas, como do exercício anacrônico de reenquadrar estas experiências à luz do presente” (RedCSur, 2012, p.12) (tradução nossa).

<sup>14</sup> Juca. *Coerencia*. Belo Horizonte: Cemflores, 1980.



CEMFLORES. n. 3, 1979.

CORTEZ, Luciano. *1671*. Belo Horizonte: Cemflores, 1980.

CORTEZ, Luciano. [Entrevista concedida à autora]. Belo Horizonte, Brasil, 2009.

CORTEZ, Luciano. [Entrevista concedida à autora]. Belo Horizonte, 21 de jan. 2019.

DOLABELA, Marcelo. *Elas cantam Cemflores* (texto inédito), s. d..

DOLABELA, Marcelo. [Entrevista concedida à autora]. Belo Horizonte, Brasil, 2009.

CORTEZ, Luciano. [Entrevista concedida a Bruno Verner]. Belo Horizonte, Brasil, 2017.

GRACIANO, Juca Geraldo. *Coerência*. Belo Horizonte: Cemflores, 1980.

HEIDEGGER'S SONG. [Compositor e intérprete] Marcelo Dolabela e banda Divergência Socialista. Belo Horizonte: Cacograma, CD, 2001.

LA CHINOISE. Direção: Jean Luc-Godard. França, 1967.

MAO TSE TUNG. *O livro vermelho*. São Paulo: Global editora, 1972.

MARRETA. Belo Horizonte, julho de 2009. Disponível em <<http://sticbh.org.br/boletins/jornalgreve1979.pdf>>, Acesso em: 26 de fev. de 2020.

MUSEU DO MUNDO. [Compositor e intérprete] Jair Fonseca e banda O Último Número. Belo Horizonte: Filme, 1988. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Wk2nRGLvckg>> Acesso em: 04 de maio de 2019.

MUSEU REINA SOFIA, REDCSUR. *Manifiesto Instituyente*. Madri, 2009. Disponível em <<https://redcsur.net/es/declaracion-instituyente/>>, Acesso em: 26 de fev. de 2020.

\_\_\_\_\_. *Por una política común de archivos*. 2019. Disponível em <<https://redcsur.net/es/2019/12/22/por-una-politica-comun-de-archivos-llamamiento-a-un-acuerdo-de-buenas-practicas/>>, Acesso em: 27 de fev. de 2020.

SHU SHENG. *Os intelectuais chineses e o regime maoísta*. 1956-1957. Curitiba: Appris, 2019.

**Submetido em março de 2020 e aprovado em maio de 2020.**

**Como citar:**

ALBINATI, Clara. Cemflores: poéticas políticas em Belo Horizonte nos anos oitenta. *Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 39, p. 159-175, jan./jun. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n39.12>  
Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>